



## Viver da Morte

Adriele Marchesini<sup>1</sup>

Camila Galvez<sup>2</sup>

Carla Carniel<sup>3</sup>

Cido Coelho<sup>4</sup>

Karina Rinaldi<sup>5</sup>

Leilane Vizibelli<sup>6</sup>

Margarete Vieira<sup>7</sup>

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

## RESUMO

Morte. Um assunto evitado por muitos até o momento em que é preciso encará-lo de frente. O ato de morrer é esquecido e subjogado todos os dias nas ruas, hospitais e notícias de jornal. A sociedade moderna aprendeu a ter medo e julgá-la como algo anormal, estranho, um evento que não faz parte da vida do ser humano. O capitalismo estimulou o ato de negação, já que morrer é o mesmo que não produzir, não gerar lucro. Porém, há muitos profissionais que encontraram exatamente no mercado da morte um meio de vida. São peritos, legistas, agentes funerários, operadores de forno, coveiros, preparadores de corpos, entre outros. Gente como você, que acorda de manhã, pega ônibus lotado, enfrenta o trânsito e chega ao trabalho pronto para encarar um dos maiores medos do homem.

**PALAVRAS-CHAVE:** morte; morrer; profissões; mercado de trabalho; mercado da morte.

## INTRODUÇÃO

### Por que escolhemos a morte

“Viver da morte”. Esse foi o gancho do qual partiu a idéia de escrever o livro reportagem como trabalho de conclusão do curso de Jornalismo da Universidade Metodista de São Paulo. A proposta foi relatar o dia-a-dia dos profissionais e avaliar se o contato com o tema da morte no trabalho faz com que as pessoas passem a temer mais o que inevitavelmente acontece com quem está vivo ou, se por outro lado, o tema se torna algo natural, até mesmo banalizado. Além disso, abordamos as influências da

---

<sup>1</sup> Aluna do 8º semestre do curso de Jornalismo na Universidade Metodista de São Paulo durante a realização do projeto, email: adriele@gmail.com

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e cursando 8º semestre do curso de Jornalismo na Universidade Metodista de São Paulo durante a realização do projeto, email: camilamediotti@gmail.com.

<sup>3</sup> Aluna do 8º semestre do curso de Jornalismo na Universidade Metodista de São Paulo durante a realização do projeto, email: meninacarniel@gmail.com

<sup>4</sup> Aluno do 8º semestre do curso de Jornalismo na Universidade Metodista de São Paulo durante a realização do projeto, email: cidocoelho@gmail.com

<sup>5</sup> Aluna do 8º semestre do curso de Jornalismo na Universidade Metodista de São Paulo durante a realização do projeto, email: rinaldi.karina@gmail.com

<sup>6</sup> Aluna do 8º semestre do curso de Jornalismo na Universidade Metodista de São Paulo durante a realização do projeto, email: leibelli@gmail.com

<sup>7</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Metodista de São Paulo, email: margarete.pedro@metodista.br.



morte sobre o cotidiano e a maneira de pensar, principalmente para quem atua diretamente com ela. Também levantamos informações e curiosidades sobre termos relacionados ao tema e sobre o mercado consumidor da morte em si.

Por meio deste livro acompanhamos o trabalho e o cotidiano de cada profissional e a relação que eles têm com a morte, dos outros e de si mesmos. Ao longo do desenvolvimento do trabalho, enfrentamos nossos medos mais básicos e primitivos para conhecer o dia-a-dia desses trabalhadores e como entraram nesse mercado, bem como histórias curiosas que já viveram ou acompanharam durante a execução de seus trabalhos. Com as entrevistas realizadas com especialistas sobre os conceitos teóricos da morte, focadas nas áreas de psicologia, direito, sociologia e antropologia, descobrimos que o medo que carregávamos é algo inerente ao ser humano e à sociedade em que atualmente vivemos. Realizar esse estudo foi como mergulhar na história da morte ao longo do desenvolvimento da pós-modernidade. O livro é indicado àqueles que pretendem se aprofundar no assunto tanto quanto nós, e enfrentar um dos medos mais comuns da humanidade.

O primeiro passo para a realização do trabalho foi verificar quais eram as profissões que lidavam diretamente com cadáveres. Para isso, traçamos o caminho que um corpo percorre desde o momento da morte até a despedida dos familiares: a cena do crime, escolhida como forma de ilustrar o acontecimento em si; o IML, local para o qual o corpo é enviado logo após a constatação do óbito; a agência funerária, onde são selecionados os serviços aos quais o corpo será submetido; as clínicas de preparação de corpos, nas quais são realizados diversos procedimentos para melhorar a aparência do cadáver; e os cemitérios ou crematórios, o destino final dos corpos. Por meio das pesquisas iniciais, determinamos então as seguintes profissões: peritos criminais, legistas, agentes funerários, preparadores de corpos, coveiros, mestre-de-cerimônias, operadores de fornos, administradores de crematórios e guias turísticos de cemitérios. São as histórias de vida desses profissionais que recheiam as páginas do nosso livro.

Pela lei brasileira, uma pessoa é declarada morta por um médico quando é detectada a parada de funcionamento do cérebro, para a qual não há possibilidade de reversão. Mas a definição de morte pode ser difícil em alguns casos. A história médica tem inúmeros relatos de pessoas que foram decretadas como mortas e acordaram durante os procedimentos funerários, no próprio caixão e, inclusive, já enterradas.

Pela visão científica, a morte pode ocorrer para o todo ou partes dele. É possível que haja a morte de células e até mesmo de um órgão inteiro sem que o organismo pare de funcionar. Muitas células vivem por um determinado período de tempo e são constantemente substituídas por outras. É como se o ser vivo morresse “aos pouquinhos”.

É impossível trazer novamente a vida a um organismo morto. No entanto, muitas pessoas acreditam em ressurreição do corpo, reencarnações do espírito e nos avanços da ciência que poderão, um dia, proporcionar esse retorno à vida, mesmo depois de abandoná-la por completo.

Na cidade de São Paulo, existem caixões para todos os gostos. São pelo menos quarenta modelos diferentes em uma boa loja funerária. Há caixões personalizados que podem ser escolhidos pelos clientes, nos mais inusitados formatos: guitarra, castelo, garrafa de refrigerante e o que mais a imaginação mandar, todos feitos sob medida e por encomenda. No caso da cremação, há cerca de duzentos modelos de urnas, em diferentes matérias como: resina, madeira, acrílico, prata e até mesmo ouro. Para os casais, há a opção em formato de coração.

Os dados mostram que a morte é mais do que um tema para ser discutido por religiosos, filósofos e outros especialistas. Morrer gera um negócio – bastante lucrativo – no qual o



público é farto e jamais acabará. Mas para que esse “negócio” vingue é necessário uma coisa muito mais importante do que bom atendimento: respeito.

Algo que, diante do tema delicado com o qual trabalhamos, foi percebido nas palavras de todos os entrevistados, e que tomamos o cuidado de garantir em nossas perguntas também. Afinal, estudar a morte faz parte do processo de entender melhor a vida.

## **2 OBJETIVO**

### **Objetivo geral**

- relatar perfis e experiências de profissionais que trabalham com a morte, acompanhando o trabalho e o cotidiano de cada um e a relação que eles tem com a morte, dos outros e de si mesmos.

### **Objetivos específicos**

- conhecer o dia-a-dia desses profissionais e como entraram nesse mercado, bem como histórias curiosas que já viveram ou acompanharam;
- relatar como funciona o mercado da morte (funerárias, crematórios etc);
- mostrar algumas curiosidades que envolvem a morte em variadas culturas.

## **3 JUSTIFICATIVA**

Nós, seres humanos e pensantes, somos considerados racionais por justamente termos consciência de que existimos. Um macaco, apesar da semelhança conosco, não tem noção de que está em nosso mundo, muito menos de passagem, portanto não reflete nem questiona sua própria existência enquanto há tempo. A consciência faz parte da etapa mais evoluída do homem. É a partir dela que produzimos as definições para tudo que nos cerca.

Mas o encargo mais pesado de se ter consciência da vida é a certeza de que ela possui um fim. E pior do que ter este conhecimento é conviver com as duas maiores incertezas que a única certeza que possuímos nos traz: quando e como. Para isso, ainda em vida, muitas pessoas programam os eventos burocráticos decorrentes da própria morte, contratando serviços e pagando planos funerários durante anos, na expectativa de que, quando a hora chegar, o seu sossego e o de seus entes queridos estejam assegurados.

Muitas pessoas preferem se cegar diante desta verdade maior, por medo ou receio, buscando afastar a idéia do fim. A escritora Clarisse Lispector entendia bem esse comportamento, e por isso escreveu em seu livro Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres o seguinte: “Temos mantido em segredo a nossa morte para tornar nossa vida possível”.

Enquanto uns se afastam, outros mergulham neste mundo e fazem dele um meio de sobreviver. Talvez sejam estas as profissões mais paradoxais exercidas pelo homem: o coveiro vive zelando pelos mortos; os maquiadores e cabeleireiros de defuntos mantêm neles um ar saudável para agradar aos olhos dos parentes; os mestres-de-cerimônia



organizam o ambiente em que o corpo está sendo velado; os garçons de velórios alimentam e bem servem aqueles que acabaram de perder um familiar, por exemplo. São profissões que nem todos os vivos conseguem encarar com naturalidade.

Conhecer melhor a vida destes profissionais e como aprenderam a lidar com as situações tão extremas de suas atividades laborativas foi o principal objetivo deste estudo. Compreender e aceitar a morte como algo inerente à vida é uma tarefa que pode nunca ser concluída por muitas pessoas. Com base nisso, questionamos que meios foram utilizados por eles para exercer seus trabalhos sem comprometimentos emocionais e descobrimos de que forma conseguiram se adaptar e realizar suas obrigações, eventualmente superando medos ou traumas para tal.

## 4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

### **Técnicas de entrevista:**

As entrevistas foram conduzidas individualmente e de forma informal, como uma conversa. Elaboramos um roteiro de perguntas, mas o entrevistador não se limitou a ele. O intuito era deixar a pessoa a vontade para colher o máximo de informações possíveis. Procuramos realizar as entrevistas no local de trabalho, em contato direto com o que o profissional realiza todos os dias, para estimular as lembranças e relatos.

### **Tipos de entrevista**

- aberta – exploratória e flexível, sem seqüência predeterminada ou de questões ou parâmetros de respostas. Tem como ponto de partida um tema ou questão ampla e flui livremente, sendo aprofundada em determinado rumo de acordo com aspectos significativos identificados pelo entrevistador enquanto o entrevistado define a resposta segundo seus próprios termos. Dessa maneira, a resposta a uma questão origina a pergunta seguinte e uma entrevista ajuda a direcionar a subsequente.
- semi-aberta – tem origem em um roteiro de questões-guia que dão cobertura ao interesse da pesquisa. Parte de questionamento básicos apoiados em teorias e hipóteses já conhecidos sobre o tema da pesquisa e oferecem a oportunidade de novas questões a partir das respostas encontradas.

### **Instrumentos de coleta**

- anotações – permitem registrar comportamentos, ambientes, mas limitam o detalhamento, podem interromper a fluência e distrair o entrevistado. São úteis nas entrevistas abertas se o tema ainda está sendo sondado, buscando estabelecer melhor o foco, ou necessárias quando o entrevistado recusa-se a gravar. Anotações sobre questões centrais, dúvidas, aspectos relevantes, detalhes que não tenham sido verbalizados ou mesmo idéias que surjam e possam ser esquecidas devem ser feitos, inclusive quando há gravação. É importante transcrever imediatamente as anotações, registrar comentários, observações, de maneira a não esquecer pontos essenciais ou perder registros. Anotações como instrumento básico de coleta exigem ainda maior habilidade e domínio prévio sobre o tema por parte do entrevistador.
- gravação – possibilita o registro literal e integral. Apesar de certa discussão, a experiência indica que não afeta o resultado e oferece maior segurança à fonte. É



importante demonstrar que irá usar o gravador e verificar se o entrevistado não se sente desconfortável. O gravador possui a vantagem de evitar perda de informações, minimizar distorções, facilitar a condução da entrevista, permitindo fazer anotações sobre aspectos não verbalizados.

Convém transcrever com rapidez para aproveitar melhor o conteúdo, pois o ambiente e as respostas estão mais vivos na memória e as inferências, contextualização e análise são imediatas. Ouvir a transcrição ajuda o entrevistador a perceber nuances, detalhes e questões que o ajudarão nas novas entrevistas, até mesmo na correção de seus próprios erros de condução.

- telefone – a entrevista por telefone tem a vantagem da agilidade e de permitir o acesso a pessoas distantes. Pode ser gravada, interrompida ou retomada conforme a conveniência. É útil para complementar questões pendentes, tirar dúvidas ou obter informações simples, que ajudem a completar o quadro em análise. Apesar disso, impede de perceber as reações do entrevistado, criar proximidade, obter a relação de cumplicidade que a entrevista face a face oferece. É importante combinar um horário e tempo de duração, permitindo que a fonte esteja tranqüila e preparada.

- internet – é a forma mais fácil de perguntar e mais difícil de obter boas respostas. Pesquisadores iniciantes tendem a imaginar que é uma maneira prática, mas rapidamente se decepcionam com os resultados. Pode ser particularmente útil para informações objetivas, assim como para introdução ou complemento de uma entrevista face a face. Também é utilizada para obter informações de pessoas importantes, por outros meios inacessíveis. Ela geralmente não permite a discussão, o aprofundamento natural, a discussão do contraditório, essenciais na entrevista em profundidade. Uma alternativa interessante ao envio de uma lista de perguntas é o contato simultâneo de entrevistador e entrevistado via internet pelo uso de chats ou blogs. Entrevistador e fonte também podem combinar um horário determinado para conexão e travar o envio e o recebimento contínuo de mensagens, de maneira a garantir mais profundidade de naturalidade nas respostas.

### **Pesquisa de dados secundários**

Captação de informações e dados técnicos secundários por meio de pesquisa em livros, publicações, internet e outros trabalhos sobre o tema.

### **Desenvolvimento das atividades**

O material necessário para o desenvolvimento do livro foi obtido por meio de:

- fotos;
- pesquisas bibliográficas (internet, faculdades de medicina, bibliotecas)
- entrevistas pessoais do tipo aberta, gravadas e transcritas.
- entrevistas por telefone do tipo aberta ou semi aberta, gravadas e transcritas (no caso das autoridades para as informações secundárias);
- visita à cemitérios, floriculturas, funerárias e crematórios (municipal e particulares).

### **Perfis**

Os perfis relatam as histórias do dia-a-dia dos profissionais que escolheram a morte como meio de vida, ou seja, atuam em profissões relacionadas a morte. Foram utilizadas entrevistas abertas com um roteiro pré-determinado, mas que foi bastante flexível e sujeito a alterações.



### **Visão sobre a morte**

Entrevistas com psicólogos, médicos, filósofos e outros profissionais especialistas no assunto para compor o capítulo teórico.

### **Mercado de trabalho e economia**

Pesquisas em cemitérios, fábricas de caixões e planos de serviços funerários sobre os ganhos e os custos de produção e venda dos produtos.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO**

Título – “Viver da Morte”

Autores – Adrielle Marchesini, Camila Galvez, Carla Carniel, Cido Coelho, Karina Rinaldi, Leilane Vizibelli

Edição - 01

Capítulos – 7 capítulos e 3 anexos.

Fotos – Na página de abre dos capítulos em preto e branco.

Personagens entrevistados – 28

Especialistas entrevistados – 7

Periodicidade – edição única

Fontes Tipográficas – Californian FB, Ultra Condensed Sans Serif, Eurásia, Ubahn Light, Velcro.

Diagramado em Adobe InDesign Creative Suite 3

Imagens editadas em Adobe Photoshop Creative Suite 3

Formato – A5. Papel offset 75 gramas para páginas de texto e couché 90 gramas para fotos. Capa em couché 290 gramas

Cor – Preto e Branco

Páginas - 193

## **6 CONSIDERAÇÕES**

Nós também vivemos no mesmo mundo pós-moderno e capitalista no qual a morte é um tabu. Por isso, o grupo precisou vencer certos medos e receios ao longo do desenvolvimento do trabalho e da realização das entrevistas. Barreiras foram ultrapassadas tanto do nosso lado quanto dos profissionais para que pudéssemos escrever este livro, que nos deixou orgulhosos com o resultado final. As histórias de vida daqueles que lidam diariamente com a morte nos reservaram diversas surpresas que surgiram ao longo dos relatos, e fizemos questão de dividir com os leitores.

A realização do trabalho foi bastante gratificante, pois entramos em contato com um mundo que conhecíamos pouco. Ao fim do processo, sabemos que o sofrimento de perder aqueles que amamos será o mesmo, mas também vamos lidar melhor com o processo da perda porque conhecemos exatamente o que acontece por detrás dele. Sabemos qual caminho será percorrido pelo corpo e temos consciência do extremo respeito que a maior parte dos profissionais possui ao lidar com seu trabalho.

## **REFERÊNCIAS**

- Livros:



CHIAVENATO, Júlio José (1939 - ); A morte, uma abordagem sociocultural. São Paulo: Moderna (Coleção Polêmica), 1988.  
SARAMAGO, José (1922- ); As Intermitências da Morte; São Paulo: Companhia das Letras, 2005.  
SHERWOOD, Hugh C. A entrevista jornalística . São Paulo: Mosaico, 1981.  
MELO NETO, João Cabral. Morte e vida Severina. Rio de Janeiro: Sabiá, 1969  
LISPECTOR, Clarice. Uma aprendizagem ou O Livro dos Prazeres. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.  
DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio; Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.  
ARIES, Philippe; O homem diante da morte. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.  
ARIES, Philippe; História da Morte no Ocidente: da idade média aos nossos dias. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1977.  
MARANHÃO, José Luiz de Souza; O que é morte. São Paulo: Brasiliense, 1985.  
LEPARGNEUR, Hubert; Lugar atual da morte: Antropologia, medicina e religião. São Paulo: Paulinas, 1986.  
HENNEZEL, Marie de; A arte de morrer: tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.  
BECKER, Hernest; A negação da morte. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.  
KUBLER-ROSS, Elizabeth; Sobre a morte e o morrer. São Paulo. EDART, 1977.  
BARBARIN, Georges; O livro da morte doce: como não temer mais o instante da morte. São Paulo, 1997.

**- Sites:**

<http://www.geocities.com/HotSprings/Villa/1696/atlas.html> - Atlas On Line de Medicina Legal  
<http://www.sfcsp.com.br/index.html> - Serviço Funerário Central de São Paulo  
[http://portal.prefeitura.sp.gov.br/empresas\\_autarquias/servico\\_funerario/historia/0001](http://portal.prefeitura.sp.gov.br/empresas_autarquias/servico_funerario/historia/0001) - História do Serviço Funerário do Município de São Paulo  
[http://portal.prefeitura.sp.gov.br/noticias/empresas\\_autarquias/servico\\_funerario/2004/08/0001](http://portal.prefeitura.sp.gov.br/noticias/empresas_autarquias/servico_funerario/2004/08/0001) - Modelos de urnas e serviços funerários, custos e valores.  
<http://www.ibge.gov.br/home> - Pesquisas relacionadas a expectativa de vida  
<http://www.sincep.com.br>  
<http://www.funerariaonline.com.br>

**- Documentário:**

Nós que aqui estamos por vós esperamos – Brasil, 1998 – Marcelo Negrão

**- Publicações:**

Revista da Folha – revista dominical da Folha de S.Paulo – edição de julho/2006.  
A metodologia da história oral, ou história do tempo presente, como suporte para as técnicas de entrevista jornalística. Revista Ciências Humanas , Taubaté, SP, v. 6, n. 2, p.45-47, jul./dez. 2000.